

**CONSTRUÇÃO  
IDENTITÁRIA NO  
FACEBOOK: escrita da  
(pós)verdade?**

IDENTITY CONSTRUCTION ON  
FACEBOOK: (post)truth writing?

CONSTRUCCIÓN IDENTIFICACIÓN  
EN EL FACEBOOK: escritura de la  
(post) verdad?

**Valéria Silveira Brisolara<sup>1</sup>**  
**Bruna Helena Rech Rocha<sup>2, 3</sup>**

**RESUMO**

As relações de poder permeiam a sociedade. A internet, em especial no que tange as redes sociais, propiciou que informações estejam disponíveis a quem quiser acessar. Isso não deixa de ser uma forma de concessão de poder que, antes do seu surgimento, estava concentrado nos canais de informação jornalísticos, tais como rádio, televisão e jornais impressos. Se nos tempos de Platão a preocupação era com a circulação dos discursos escritos sem um autor, com a divisão entre discursos falsos e discursos verdadeiros, na contemporaneidade existe um movimento que se preocupa com a chamada pós-verdade: a conquista da opinião pública com menos influência de fatos objetivos. Esse tipo de discurso tem implicações não só no meio jornalístico, mas também na construção identitária dos sujeitos. Diante disso, esse artigo tem como objetivo promover uma reflexão acerca da rede social *Facebook*

<sup>1</sup> Doutorado em Letras (UFRGS). Mestrado em Letras (UFRGS). Graduação em Letras (UFRGS). Professora no Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter). E-mail: [valeriabrisolara@yahoo.com](mailto:valeriabrisolara@yahoo.com).

<sup>2</sup> Mestrado em Letras pelo Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter). Graduação em Letras (UFRGS). Professora de Língua Inglesa no Ensino Fundamental no Colégio La Salle São João. E-mail: [brunahelenarr@yahoo.com](mailto:brunahelenarr@yahoo.com).

<sup>3</sup> Endereço de contato das autoras (por correio): Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter). Rua Orfanotrófio, 555 - Santa Tereza, Porto Alegre - RS, CEP: 90840-440, Brasil.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p648>

como um espaço de escrita de si estabelecendo relações entre as noções de (pós)verdade e de identidade nesse ambiente virtual de interação social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pós-verdade; Autoria; Identidade.

### **ABSTRACT**

Power relationships are within society. The internet, mainly considering social networks, made information available to anyone who wants to access it. This can be considered a way to confer power, which, before its creation, used to be in the hands of media channels, such as the radio, the newspaper, and television. If in Plato's age, the main concern was the division between fake and true discourses, nowadays, there is a movement concerned about the so-called post-truth: the shaping of public opinion less influenced by facts. This sort of discourse has implications not only on the media field, but also on the subjects' identity construction. Thus, this article aims to provide a reflection on Facebook social network as a site of writing of the self, making connection with the notions of post-truth and identity in this social interaction virtual environment.

**KEYWORDS:** Post-truth; Authorship; Identity.

### **RESUMEN**

Las relaciones de poder permean a la sociedad. La Internet, en especial en lo que se refiere a las redes sociales, ha propiciado que la información esté disponible para quienes quieran acceder. Esto no deja de ser una forma de concesión de poder que, antes de su surgimiento, estaba concentrado en los canales de información periodísticos, tales como radio, televisión y periódicos impresos. Si en los tiempos de Platón la preocupación era con la circulación de los discursos escritos sin un autor, con la división entre discursos falsos y discursos verdaderos, en la contemporaneidad existe un movimiento que se preocupa por la llamada post-verdad: la conquista de la opinión pública con menos, la influencia de hechos objetivos. Este tipo de discurso tiene implicaciones no sólo en el medio periodístico, sino también en la construcción



# revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 5, agosto. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p648>

identitaria de los sujetos. En este sentido, este artículo tiene como objetivo promover una reflexión acerca de la red social Facebook como un espacio de escritura de sí estableciendo relaciones entre las nociones de (post) verdad y de identidad en ese ambiente virtual de interacción social.

**PALABRAS CLAVE:** Post-verdad; autoría; Identidad.

Recebido em: 26.04.2017. Aceito em: 19.06.2018. Publicado em: 01.08.2018.

## Introdução

É nas interações sociais que se estabelecem as relações de poder. Das muitas esferas nas quais é possível observar essas relações, destaca-se a internet por seu caráter de divisor de águas em termos de interação. A esse respeito, Santaella (2011, p. 111) afirma que “A banda larga, aliada aos dispositivos móveis, que começou a se disseminar de forma cada vez mais ampla a partir do ano 2000 até alcançar o cenário atual de hiperconexão, transformou o “estar conectado” em “ser conectado””. Dessa forma, a internet propiciou acesso a um extraordinário montante de informações que, antes do seu surgimento, estava restrito por barreiras geográficas ou meios de comunicação, entre outras razões. Com o surgimento das redes sociais online, surge também uma nova forma de concessão de poder midiático, que antes estava concentrado nos canais de informação jornalísticos, tais como rádio, televisão e jornais impressos.

Se nos tempos de Platão a preocupação era com a circulação dos discursos escritos sem um autor, com a divisão entre discursos falsos e discursos verdadeiros, na contemporaneidade existe um movimento que se preocupa com a chamada pós-verdade: a conquista da opinião pública com menos influência de fatos objetivos. Esse tipo de discurso tem implicações não só no meio jornalístico, mas também na construção identitária dos sujeitos, que buscam construir as suas verdades em seus perfis em redes sociais *online*. Diante disso, este artigo tem como objetivo promover uma reflexão acerca da rede social *Facebook* como um espaço de escrita de si, estabelecendo relações entre as noções de (pós)verdade e de identidade nesse espaço virtual de interação social, passando também por questões de autoria e escrita.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p648>

Para isso, a seção “De Platão ao Facebook” aborda a divisão platônica a cerca dos discursos verdadeiros e dos discursos falsos como ponto de partida para entender o(s) conceito(s) de verdade e discute algumas práticas do *Facebook* a partir das considerações do texto de Platão (2016). Já a seção “A busca pela verdade e a escrita de si”, retoma a divisão platônica, relacionando-o(s) à produção e circulação discursiva como luta por poder. Também aborda a questão da escrita como prática social para abordar a noção de autoria e, a partir dela, discutir conceitos de identidade e os processos complexos relacionados à sua construção.

Na seção reservada às considerações finais, são retomados os conceitos abordados ao longo do texto na tentativa de retomar a reflexão acerca da rede social *Facebook* como um espaço de construção identitária. Conclui-se que o *Facebook* é um espaço de relações complexas na quais estão inseridas práticas semióticas autorais. Essas práticas também podem ser entendidas como atos performáticos de identidade, aproximando-se dos postulados de Blommaert (2005).

### **De Platão ao Facebook**

As redes sociais são ambientes de circulação discursiva nos quais é possível construir identidades. A rede social *Facebook*, por sua vez, é um ambiente virtual de circulação discursiva no qual as pessoas, após criarem um perfil, estabelecem relações entre si, interagindo por meio de *posts* que podem conter texto, imagem, vídeo ou diferentes combinações desses elementos. Esse processo é construtor de identidades, pois, como afirma Blommaert (2005), as identidades são formas de potencial semiótico.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p648>

Nos tempos de Platão, longe do mundo digital que hoje nos abarca, as interações sociais se davam por meio do discurso oral. No texto *Fedro*, de Platão, existe uma problematização com relação à verdade, aos discursos e à noção de autoria. Fedro é um jovem que, ao escutar o discurso de Lísias, um retórico, encanta-se. Ele pede a opinião de Sócrates que, no entanto, é crítico em relação ao discurso de Lísias, afirmando que ele é repetitivo, e que a repetição é reveladora de que o autor do discurso não tem muitos argumentos, ou que ele esteja falando por falar, ou que o tema não lhe interessa o suficiente (PLATÃO, 2016, p.84).

Voltando ao *Facebook*, essa cena é bastante ilustrativa do modo como algumas pessoas se expressam: por meio do recurso de compartilhar. Embora Fedro não soubesse exatamente o que o discurso de Lísias quisesse dizer, ele havia achado bonito e havia resolvido reproduzi-lo para Sócrates. Assim também o fazem alguns sujeitos nas redes sociais: compartilham postagens em línguas que desconhecem, mas cuja aparência parece bonita; compartilham citações (por vezes com falsa atribuição de autoria) em uma ânsia por (re)produzir um discurso.

Outra aproximação do texto de Platão ao *Facebook* é a questão de convencer o outro de sua verdade. Quando Fedro pede a Sócrates que ele venha a proferir um discurso tão belo quanto o de Lísias, Sócrates o faz com um saco na cabeça, por ter vergonha de proferir um discurso belo, mas vazio. Sócrates então invoca as musas a fim de que o discurso que irá proferir possa convencer Fedro de que Lísias é muito sábio, o que é uma grande ironia, pois ele traz argumentos para a refutação do discurso de Lísias.

Um dos primeiros relatos de preocupação com a escrita e autoria é proveniente do justamente do texto de Platão. Sócrates fala sobre "a preguiça

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p648>

de pensar” (PLATÃO, 2016, p.114), o que reforça a ideia de que o discurso lido não provoca o pensar porque não promove a discussão oral com o pai do discurso, sendo mais um argumento seu de refutação os sofistas. Sócrates relata algo que ele considera terrível na escrita que, semelhante à pintura, os produtos parecem vivos, mas, se questionados, permanecem em silêncio (PLATÃO, 2016, p.137). Ele afirma que o mesmo acontece com os discursos escritos: não se pode questionar, interrogar, pois sempre se obterá a mesma resposta. Essa noção, com o avanço dos estudos de autoria, pode ser questionada, já que sabemos que a leitura não é única e nem unívoca. Por isso, como postula Barthes (2003) acerca da morte do autor, o texto pertenceria ao leitor, e não ao autor.

Com um capítulo dedicado à investigação da escrita, Sócrates trata da conveniência ou da inconveniência da escrita (PLATÃO, 2016). Conta, então, a história dada no Egito com a divindade Theuth, que teria procurado o rei de Tamos para mostrar-lhe suas artes, dentre elas a escrita, que o deus afirma que poderia tornar os egípcios mais sábios e com a memória melhor. O rei menciona que a divindade havia descoberto uma droga não para a memória, mas para as recordações. Aos que a escrita fosse concedida, não seriam verdadeiros sábios, pois o seriam em aparência e não em sabedoria. Essa história reafirma a importância do conhecimento como algo inscrito nas almas, que é o postulado de Platão (2016). Se o sujeito escreve, esse conhecimento estaria externo a ele, e não constituiria um verdadeiro conhecimento, o que tornaria o sujeito um sábio de aparências. Quando Fedro se admira com o discurso de Sócrates sobre o Egito, ele faz uma nova crítica a Fedro, que se importa mais com os sujeitos e os lugares, do que com a verdade, afirmando que os discursos podem vir de carvalhos, contanto que sejam verdadeiros.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p648>

Opondo-se aos sofistas, os quais dão importância ao discurso no método retórico, os socráticos dão importância à verdade, à razão, valendo-se do método dialético. Desta forma, com base em Platão (2016), a verdade não estaria contida na maioria dos discursos retóricos sofistas, pois esses têm preocupação com o convencimento e não têm argumentos sólidos para comprovar suas teses, não são bem tramados. A verdade também não estaria na escrita, porque não se pode interagir com o texto, fazer-lhe perguntas, o que reforçaria o posicionamento de que a dialética é a melhor maneira de se chegar à verdade. Nesse sentido, Sócrates se vê como um amante do discurso, da busca pela verdade.

Mas o que é a verdade? Ela realmente existe? E o que seria a pós-verdade? O momento político brasileiro e também o cenário internacional vem se caracterizando pela polaridade: os eleitores de Dilma em oposição aos de Temer; os eleitores de Hillary em oposição aos de Trump. Esses grupos parecem ter suas posições bem marcadas, com crenças definidas, e não parecem estar abertos a conhecer as crenças dos outros, mas sim fazer crer nas suas próprias crenças, reproduzindo sempre a sua verdade, que é uma verdade relativa, independente do grupo ao qual pertença. Essa polarização estende-se a outras esferas da vida cotidiana e fica ainda mais visível em redes sociais como o Facebook.

Isso demonstra que os sujeitos adotam posições discursivas mais marcadas ao invés de transitar por diferentes ideias, o que está mais inclinado a um monólogo do que ao diálogo. O reflexo disso está nas práticas discursivas, as quais parecem cada vez menos ter como objetivo a discussão de ideias de forma saudável e sim uma refutação de ideias de forma pouco respeitosa. Quando essa circulação discursiva se dá em uma rede social *online*, a



DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p648>

repercussão é muito grande, devido a uma cultura instaurada na qual "(...) seus membros creem que suas contribuições importam e desenvolvem determinado grau de conexão social com o outro, de modo que tem grande relevo aquilo que os outros pensam ou se supõe que pensam sobre o que cada um cria (...)" (SANTAELLA, 2011, p.117). Assim, embasamento de muitas crenças dos usuários das redes se dá mais em função do que se apreende superficialmente dos discursos circulantes do que por uma investigação profunda.

A ideia da preguiça de pensar sobre a qual Platão (2016) falava não está se realizando em função do discurso escrito (como seria o temor de Sócrates), mas exatamente na falta de diálogo entre os sujeitos, e isso independe do meio pelo qual o discurso se materializa. A noção de pós-verdade busca dar nome a esse processo de fazer crer, esse fenômeno de pouco aprofundamento e/ou investigação de um tema, da não necessidade de fatos. De certa forma, também é preciso avaliar o papel do *Facebook* para que esse tipo de comportamento se instaure. Por trás da apresentação do chamado "Feed de notícias", há um processo no qual, baseado na navegação do usuário, algoritmos atuam, e o usuário é incentivado a ver ainda mais conteúdo relacionado ao conteúdo que já está vendo. Inclusive, o sistema oferece a possibilidade de o usuário habilitar a função de "deixar de ver isso" para qualquer conteúdo que o usuário não quer receber. Com base nessas marcações, o algoritmo vai lapidando as escolhas de conteúdo, pois "Cada usuário desenvolve uma maneira de uso e de apropriação das redes que lhe é própria. Cada um decide o que ver, consumir ou com quem quer conviver. Hábitos e usos funcionam como pistas de silhuetas subjetivas de cada usuário". (SANTAELLA, 2011, p.115).

Santaella (2011) faz reflexões acerca dos pontos positivos das conexões em rede online. Para a autora,

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p648>

Na sua arquitetura, o Facebook incentiva o usuário a ver e prestar atenção no que seus amigos fazem, pensam, dizem, querem e sentem. É possível, inclusive, compartilhar e disseminar essas informações. Nesse ambiente, o usuário nunca está só. Seu perfil é um lugar social entre seus amigos, de modo que as identidades são construídas na soma das interações com os outros. A arquitetura permite que esses se façam presentes de vários modos, nas opções curtir, comentar, etc. (SANTAELLA, 2011, p.319).

A partir dessa afirmação, é possível que o objetivo inicial do Facebook fosse um compartilhamento social com vistas à diversidade social e cultural, pois “Tudo indica que essas redes apresentam o potencial para o desenvolvimento de processos colaborativos” (SANTAELLA, 2011, p.321). No entanto, Santaella (2011), assim como outros autores investigados por ela, apontam para a noção de bolha dentro da rede social, como uma espécie de campo (im)permeável em que os sujeitos se instalam, pois:

Ao mesmo tempo em que a bolha tem de se isolar das outras, sua extensão interior depende da produção pelas outras bolhas de um espaço que lhe é próprio. Portanto, a identidade de cada bolha se forma por relação e isolamento. Isso identifica a relação do indivíduo sociedade do mundo contemporâneo: coisolamento e cofragilidade. (SANTAELLA, 2011, p.315).

Essa instalação do sujeito em bolhas é um ato de performance identitária, pois reforça o isolamento diante de outras bolhas (que podemos entender como posições discursivas e ideológicas distintas), mas de relação com bolhas semelhantes. Nesse sentido, há uma relação de coisolamento pela falta de diálogo com o diferente e pela manutenção de diálogo com os iguais. Porém, essa situação reforça essa sensação de cofragilidade, pois quando não se toma conhecimento das crenças do outro, menos argumentos se tem sobre suas próprias crenças.

## **A busca pela verdade e a escrita de si**

Além da preocupação com a escrita e a autoria, Platão (2016) também problematizou a noção de verdade. Esse movimento de pensar sobre a escrita também tece relações com a memória e a verdade na concepção de Platão (2016). Sócrates fala do recurso da recapitulação dos discursos, que tem uma ligação com a questão da reminiscência, que é a recordação das verdades que já foram contempladas pela alma. Portanto, nessa concepção, a verdade estaria no mundo das ideias.

Foucault (2014) ampara-se nessa noção de que a vontade de verdade é a vontade de saber, reafirmando o seu surgimento justamente a partir dessa divisão platônica entre discursos falsos e discursos verdadeiros. Para Foucault (2014), o conceito de verdade é o de um construto social e historicamente situado. Isso remete à noção de escrita de si, pois:

Nesse aspecto, o tema da verdade como sinceridade, como ponto de vista e de vivência do autor do documento, foi situado e discutido de maneira contundente. Isso porque a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua” verdade. Ou seja, toda essa documentação de “produção do eu” é entendida como marcada por uma busca de verdade. (GOMES, 2004, p.14, grifos da autora).

A verdade também está atrelada à noção de discurso que “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 2014, p.10). As lutas por poder ocorrem dentro de uma estrutura que acaba por moldar os discursos. A esse respeito, Foucault afirma que:

Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2014, p.8-9).

Para o autor (2004), não importa se os discursos são verdade, mas sim o status de verdade que eles assumem para o sujeito, o qual está dentro de uma ordem social. Com base foucaultiana, Coracini (2010) também discorre acerca da questão da escrita como vontade de verdade. Para a autora,

Produzir um texto é, na maioria dos casos, alinhar-se a uma certa ordem do discurso vigente, ao jogo das formações discursivas em que se inscreve o autor e, sobretudo, aos procedimentos de exclusão internos: o comentário; o autor - princípio de agrupamento do discurso-, as disciplinas; e, externos ao discurso, respeitando as dicotomias razão e loucura, verdadeiro e falso, dicotomias essas regidas pela vontade de verdade (CORACINI, 2010, p. 27).

A partir dessa noção, Coracini (2010) aborda o conceito de escrita. A autora afirma que:

Escrever é, portanto, respeitar as regularidades, garantia da homogeneidade aparente, condição para a leitura, para a legibilidade de um texto, mas é também abrir-se para a dispersão, para a ruptura, desobediência às regras, irrupção da singularidade, emergência do heterogêneo (CORACINI, 2010, p.28).

Voltando ao *Facebook*, uma postagem enquanto texto é do leitor, pois como postulou Barthes (2003), está morto o autor como controlador e dono do texto. Isso significa que o leitor irá fazer a sua leitura, pois o texto não produz um sentido único: os leitores leem de acordo com as suas possibilidades de leitura. Essas possibilidades são influenciadas por aspectos sociais, culturais e simbólicos (BOURDIEU, 2007). Portanto o que leva o leitor a fazer um compartilhamento pode ser o sentimento de filiação ideológica ou pertencimento, tendo em vista que "O leitor encontra na obra que lê e pela qual se sente atraído, um pouco de si, fragmentos do outro que se engancham em seu inconsciente, capturando-o." (CORACINI, 2010, p.34). Essa captura se mostra nessa rede social.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p648>

Bourdieu (2008) conceitua a noção de mercado linguístico e afirma que a circulação linguística ocorre em um espaço social determinado no qual são oferecidos produtos linguísticos por locutores socialmente caracterizados. No *Facebook*, esses locutores podem ser entendidos como os seus mais diversos usuários. Para o autor, há relacionamento consciente ou inconsciente entre os locutores. Retomando a questão da pós-verdade, existem usuários aos quais se atribui maior prestígio e, conseqüentemente, aos seus discursos. Bourdieu (2008) reitera que os espaços sociais contribuem para a formação do valor simbólico e do sentido dos discursos produzidos, pois a linguagem só tem valor quando imersa em um contexto, em uma existência social, o que faz com que alguns discursos se propaguem e ganhem status de verdade.

A língua não circula no mercado linguístico de forma neutra, pois, para Bourdieu (2008), o que circulam são os discursos no que tange sua produção e sua recepção. Considerando que “A própria memória é uma forma de imaginação, uma ficção que reescreve os vestígios deixados, enquanto a imaginação, por mais criativa que seja, procede da lembrança daquilo que não se produziu.” (SCHNEIDER, 1990, p. 19), a partir do momento em que se registra uma memória já se está fazendo uma ficção, uma verdade que não verdade, afinal é uma memória e memória é construção discursiva.

O que seria então plágio em uma rede social se o compartilhar está posto? Isso irá depender do ponto de vista escolhido para responder a essa questão. Sobre isso, Schneider (1990) afirma que “Admitindo que tudo seja citação, resta saber por que a mantemos entre aspas ou apagamos as aspas, e como fazemos para apagá-las: por meio de uma repetição inibida (o plágio) ou de uma transmutação criadora (estilo)” (SCHNEIDER, 1990, p.38). Dessa forma, é possível pensar que o movimento de compartilhar uma postagem não é postar

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p648>

o que o outro já postou, mas sim (re)produzir, ou seja, produzir novamente aquele texto ou conteúdo. No entanto, “Assim como não produzimos os mesmos sentidos a cada leitura de um mesmo texto, também não escrevemos exatamente o mesmo a cada vez que produzimos um texto escrito sobre o mesmo assunto, pois cada situação de enunciação só se presentifica uma vez.” (CORACINI, 2010, p.36). Isso significa que existe um processo de ressignificação nessa (re)produção proposta pelo compartilhamento, o que Brisolara (2013, p.8) afirma ser uma “re-enunciação”.

Se, como afirma Schneider (1990, p.45), “escrever é tornar sua a linguagem”, escrever também é construção de identidade no sentido que é um processo individual e também coletivo de vontade de verdade. A necessidade de olhar os perfis dos outros usuários no *feed* de notícias é também uma vontade de verdade, pois “Persistem a esperança insensata de que a verdade exista no outro e só nele, e a crença que ela é uma coisa: pode-se ir pegá-la com as mãos, ali pertinho, no nome do amado, na cabeça do analista, nas folhas de um livro; nas palavras do outro” (SCHNEIDER, 1990, p.17). A busca pela identidade na rede social é também propor uma narrativa composta das postagens, do texto destinado a responder o questionamento de quem sou eu e o que eu quero revelar para os demais participantes da interação em rede.

Partindo do princípio de que “As identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido a nossas próprias posições” (WOODWARD, 2014, p.33). Dar sentido é também uma busca pela verdade, embora a verdade seja relativa e ficcional, guiada pela experiência do sujeito, pois, como afirma Woodward (2014):

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p648>

A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual adotamos como identidade. Quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. (WOODWARD, 2014, p.56).

Um desses tipos de experiência do sujeito encontrado no *Facebook* é o registro de acontecimentos (Figura 1). Há um campo que se destina à escrita da história do acontecimento da vida do usuário, o que também é ilustrativo da vontade de verdade, uma tentativa de demonstrar fatos.

Figura 1 - Acontecimento

A captura de tela mostra a interface de criação de um "Acontecimento" no Facebook. O formulário é dividido em duas colunas. À esquerda, há campos para: "Título" (Opcional), "Local" (com ícone de localização e Opcional), "Com" (com ícone de perfil), "Quando" (seletores para o ano 2017, o mês agosto e o dia 28), e "História" (um campo de texto grande). À direita, há dois botões de ação: "Escolher a partir de Fotos..." e "Carregar fotos...". Na base do formulário, há um seletor de público "Amigos" e dois botões "Salvar" e "Cancelar".

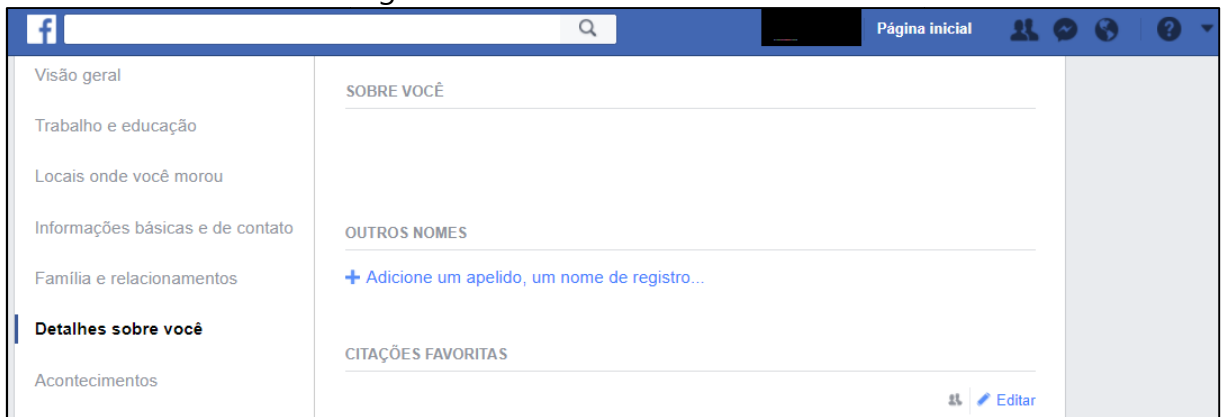
Fonte: captura de tela do Facebook.

Diante desses diversos recursos da rede social *Facebook*, é possível afirmar que, nessa construção de identidade, o perfil é autoral, é uma prática social de escrita, marcada por um nome. Na visão de Chartier (2014), "essa

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p648>

‘função-autor’ marcada pelo nome próprio é, de início, uma função de classificação dos discursos que permite as exclusões ou as inclusões em um *corpus*, atribuível a uma identidade única” (CHARTIER, 2014, p.29, grifos do autor). O Facebook, quando do registro do perfil, sugere que o usuário possa adicionar outros nomes a um mesmo perfil (Figura 2).

Figura 2 – Detalhes sobre você



Fonte: captura de tela do Facebook

Hall (2014) procura explicar o uso do termo identidade relacionando-o, de certa forma, à noção de enunciação no que tange a sua irrepetibilidade. O autor relata:

Utilizo o termo 'identidade' para significar o ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos 'interpelar', nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode 'falar'" (HALL, 2014, p.112).

Porém essa noção de identidade única é muito relativa diante da complexidade do processo. Ainda sobre esse embate entre o eu e o outro, Brisolara (2013, p. 7) afirma que, com relação aos posts de redes sociais, é preciso ter atenção com relação a "(...) um questionamento acerca da



DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p648>

enunciação, pois o que é meu e o que é do outro ficam misturados. Assim, essa relação eu/outro está presente nas relações intertextuais que os posts estabelecem e também na estrutura do post”. Nesse sentido, o uso do termo identidades, para Hall (2014), precisa ser recrutado quando se quer ter essa visão das diferentes posições assumidas pelos sujeitos. Sendo assim, para o autor,

(...) as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora ‘sabendo’ (aqui a linguagem da filosofia da consciência acaba por nos trair), sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma ‘falta’, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas - idênticas - aos processos de sujeito que nela são investidos”. (HALL, 2014, p. 112).

Com base foucaultiana, Hall (2014) reflete sobre a noção de que:

Há a *produção* do eu como um objeto do mundo, as práticas sociais de autoconstituição, o reconhecimento e a reflexão, a relação com a regra, juntamente com a atenção escrupulosa à regulação com a regra, juntamente com a atenção escrupulosa à regulação normativa e com os constrangimentos das regras sem os quais nenhuma subjetivação é produzida (HALL, 2014, p. 125, grifo do autor).

Assim como Foucault, Chartier (2014) também concorda com a existência de uma função autor. Na sua concepção, “A ‘função autor’ resulta, portanto, de operações específicas, complexas, que relacionam a unidade e a coerência de alguns discursos a um dado sujeito” (CHARTIER, 2014, p.28). No *Facebook*, a função autor está ligada à produção de um perfil do qual se espera que os discursos tenham coerência e unidade. No entanto, vale lembrar que para Schneider (2014), a produção desses discursos vai além da função autor, pois “A função autor não é somente uma função, mas também uma ficção” (SCHNEIDER, 2014, p.29). Ao citar Borges, Chartier (2014) fala sobre ator e autor. Ele afirma que “esse jogo é também uma referência à construção pública de

uma figura de autor que se torna, de algum modo, ator dele mesmo, em função de uma necessidade, de uma exigência de identificação ao papel” (CHARTIER, 2014, p. 32).

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma ‘identidade’ em seu significado tradicional - isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (HALL, 2014, p.111).

A discussão acerca da identidade também perpassa a discussão da não-verdade. Teoricamente, “Ao criar um perfil nas redes sociais, as pessoas passam a responder e a atuar como se esse perfil fosse uma extensão sua, uma presença extra daquilo que constitui sua identidade. (...) (SANTAELLA, 2011, p.115), ou seja, há uma expectativa de que o perfil seja a verdade sobre uma pessoa. Todavia, existe no *Facebook* também questionamento quanto à veracidade dos perfis. Santaella (2011) afirma que os usuários de redes sociais falam sobre si por meio de narrativa multimídia que é uma construção do eu. Com relação aos perfis falsos, são chamados de diferentes modalidades de escrita de si, pois, a afinal, “A participação nessas redes reforça também a criação de uma identidade digital, inclusive estimula a possibilidade de assumir várias identidades ou papéis para o exercício da fantasia, imaginação e de novos tipos de narrativas ou ficção.” (SANTAELLA, 2011, p.115)

Uma modalidade seria a qual pessoas se apropriam de fotos e criam um segundo perfil de um determinado sujeito, fazendo passar-se por ele, ou seja, assumindo a identidade de outra pessoa para obter as vantagens simbólicas desse sujeito, as quais podem ser as mais diversas, inclusive de cunho criminoso

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p648>

(pedofilia, estelionato, etc.). Outra forma de suposta falsidade seria a criação de perfis com nomes inventados para não admitir que o sujeito não precise assumir que está fazendo parte da rede social, escondendo-se em um codinome. Esse tipo de ato normalmente é utilizado para que os sujeitos possam assumir outras identidades que os permita interações que o seu nome real (ou nome civil) não permitiria. Uma situação ilustrativa são as pessoas que têm interesse em verificar o que seus amigos reais publicam nas redes online, mas não querem ter o compromisso de fazer isso com o seu nome para exatamente não ter que se comprometer com essa amizade de modo online também.

Schneider (1990) faz dois questionamentos e suas respostas a eles são bastante esclarecedoras sobre o texto e o eu:

De que é feito um texto? Fragmentos originais, montagens singulares, referências, acidentes, reminiscências, empréstimos voluntários. De que é feita uma pessoa? Migalhas de identificação, imagens incorporadas, traços de caráter assimilados, tudo (se é que se pode dizer assim) formando uma ficção que se chama o eu (SCHNEIDER, 1990, p. 15).

Dessa forma, colocar-se em uma rede social virtual como o *Facebook* é uma vontade de verdade, de traduzir-se em texto, de construir uma narrativa sobre si, uma ficção que seja confortável e que seja adequada à luta por poder que se quer empreender. Ter um perfil no *Facebook* é parte de construir essa ficção que chamamos de eu. Dentro dessa ficção, os sujeitos praticam uma espécie de performance, pois representam a si mesmos e se inserem em práticas identitárias.

A esse respeito, Blommaert (2005) afirma que "as identidades são construídas nas práticas que produzem, decretam ou performatizam a identidade – identidade é identificação, o resultado do trabalho semiótico

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p648>

socialmente condicionado” (BLOMMAERT, 2005, p. 2005).<sup>4</sup> Essas diferenças de movimentos são ilustrativas das tensões representativas do momento histórico, afinal a identidade é cultural e historicamente situada, como nos demonstra Foucault (2014). Nesse sentido, Woodward (2014) afirma que “A complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito. Podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de uma outra” (WOODWARD, 2014, p.32).

Admitindo que o eu é uma ficção, seriam esses perfis realmente falsos? Ou seriam eles apenas outros modos de construir o eu? Sobre isso, Schneider (1990) afirma que “Um falso problema que concerne ao falso, ao autor fictício, ao eu como ressonância falsificada do outro, não pode ser tão falso como se quer admitir” (SCHNEIDER, 1990, p.36). Dessa forma, se analisarmos do prisma que não existe uma única verdade, que ela é um efeito e que é relativa, nada é tão falso quanto se queira admitir que é, ou tudo seria falso.

A construção identitária na rede social *Facebook* passa por uma questão também de alimentar uma necessidade de escrita. Schneider (1990) fala sobre a insônia de escrever, como que escrever é algo que arrebatava o sujeito. Parece que no *Facebook* há uma insônia da postagem, de logar-se no mundo virtual e alimentar a sua própria ficção de eu. Ainda sobre a escrita, Schneider (1990) afirma que “De todos os bichos que se abrigam em mim, o mais tenso é o bicho escrevedor que enegrece o papel na esperança de ser ouvido e no pavor que

---

<sup>4</sup> Todas as traduções de citações em Língua Inglesa foram feitas pelas autoras. Texto original: “Almost any significant author in the wide field of identity studies would argue that people don’t have an identity, but that identities are constructed in practices that produce, enact, or perform identity -- identity is identification, an outcome of socially conditioned semiotic work.” (BLOMMAERT, 2005, p. 205).

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p648>

ouçam demais. Paciente, também, ele rói de dentro a vida de que tira sustento” (SCHNEIDER, 1990, p.21). Essa esperança de ser ouvido (pelos outros) e ter um bicho dentro de si são alegorias da necessidade de construção identitária e de significação que se inscrevem na escrita, além de outros atos de expressão. Blommaert (2005) afirma que há um processo dialógico que se instaura na construção identitária. Dessa forma,

(...) o significado – incluindo a atribuição das categorias de identidade – é uma prática dialógica na qual a absorção dos atos semióticos de um sujeito podem ser tão consequenciais quanto a estrutura dos atos semióticos em si. Em outras palavras, para que se estabeleça uma identidade, ela precisa ser reconhecida pelos outros (BLOMMAERT, 2005, p.205).<sup>5</sup>

Esse reconhecimento é uma busca dos usuários da rede social, tendo em vista de que é uma espécie de retorno da recepção de sua escrita, de sua contribuição semiótica. Essa recepção encontra indícios nos recurso de “curtir” uma postagem e suas demais variações de expressão de sentimentos (“amei”, “triste”, “haha”, “uau”, “grr”). Blommaert (2005) afirma que nós performatizamos a identidade. Essa noção nos ajuda a enxergar a construção identitária como atos de identificação, os quais parecem estar adequados às performances apresentadas no *Facebook* em termos de construção identitária. O autor ainda afirma que:

Tais atos são de extrema complexidade, porque eles envolvem uma grande variedade de processos situados: situa o indivíduo em relação a diversas camadas de ‘agrupamento’ (real, sociológico) e ‘categorias’ (construídas socialmente) (categoria de idade, sexo, categoria profissional, mas também categorias nacional, cultural e etnolinguística), situando esse complexo em relação a outros

---

<sup>5</sup> Texto original: “(...) meaning – including the attribution of identity categories -- is a dialogical practice in which theuptake of one’s semiotic acts may be as consequential as the structure of the semiotic acts themselves. In other words, in order for na identity to be established, it has to be recognised by others.”(BLOMMAERT, 2005, p.205).

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p648>

complexos (jovem versus idoso, masculino versus feminino, alta escolaridade versus baixa escolaridade, e assim por diante), e situando essa identificação em relação à situação apresentada, fazendo escolhas que resultam em identidade 'relevante'" (BLOMMAERT, 2005, p.204, grifos do autor).<sup>6</sup>

Esses caminhos imbricados pelos quais se dão as construções identitárias são importantes para que se veja que, nos diferentes recursos oferecidos pelo *Facebook*, existe o que Blommaert (2005) chama de potencial semiótico. Assumir essa noção para fins de análise discursiva, para o autor, é vantajoso sob dois aspectos:

Primeiro, ela nos fornece uma visão mais clara da relação entre recursos semióticos e identidades; segundo, também nos permite conectar a questão da identidade à estratificação e à diferença, e pode então nos oferecer visões mais claras de como a identidade pode ser investigada no contexto da globalização (BLOMMAERT, 2005, p. 207)<sup>7</sup>.

Assim, pensar a construção identitária no *Facebook* dessa forma é uma tentativa de compreender as implicações dos recursos oferecidos pelo sistema. Além disso, "A primeira vantagem que eu vejo é que essa perspectiva permite ter uma abordagem performática para as identidades, a qual foca na identidade como uma forma de prática significativa socialmente." (BLOMMAERT, 2005,

---

<sup>6</sup> Texto original: "Such acts are of tremendous complexity, for they involve a wide variety of situating processes: situating the individual in relation to several layers of (real, sociological) 'groupness' and (socially constructed) 'categories' (age category, sex, professional category, but also national, cultural, and ethnolinguistic categories), situating this complex in turn in relation to other such complexes (young versus old, male versus female, highly educated versus less educated, and so on), and situating this identification in relation to the situation at hand, making selections that result in 'relevant' identity." (BLOMMAERT, 2005, p.204).

<sup>7</sup> Texto original: "First, it provides us with a clearer view of the relationship between semiotic resources and identities; second, it also allows us to connect the issue of identity to stratification and inequality, and may thus offer us clearer views of how identity can be investigated in the context of globalisation. (BLOMMAERT, 2005, p.207).

p.208).<sup>8</sup> É nesse ponto que reside a relevância social de se empreender uma discussão acerca dos atos que ocorrem nas interações propiciadas pelo *Facebook*.

#### 4. Considerações finais

Como abordado na Introdução, as interações sociais são permeadas de relações de poder e a internet foi um recurso que revolucionou essas interações. Com o objetivo promover uma reflexão acerca da rede social *Facebook* como um espaço de escrita de si, estabelecendo relações entre as noções de (pós)verdade e de identidade nesse espaço virtual de interação social, passando também por questões de autoria e escrita, foram desenvolvidas algumas seções temáticas que, de forma analítica, tinham a pretensão de promover uma reflexão sobre o tema.

Dessa forma, iniciou-se pela divisão platônica dos discursos verdadeiros e dos discursos falsos para que se pudesse compreender o(s) conceito(s) de verdade e discutir algumas práticas do *Facebook*, tecendo comparações com o texto de Platão. Também relacionou-se a divisão platônica à produção e circulação discursiva como luta por poder, abordando a escrita como prática social, a noção de autoria e, a partir dela, discutir conceitos de identidade e os processos complexos relacionados à sua construção.

Com base nas costuras teóricas e nas análises feitas nesse artigo, é possível concluir que o *Facebook* é um espaço de relações complexas na quais estão inseridas práticas semióticas autorais que também são atos performáticos

---

<sup>8</sup> Texto original: "The first advantage I see is that this perspective allows a performance approach to identities, which focuses on identity as a form of socially meaningful practice." (BLOMMAERT, 2005, p.208).

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p648>

de identidade. Essas relações complexas e dialógicas envolvem a noção de verdade, que pode ser entendida de várias posições: como um ponto de chegada, como um percurso de busca, ou como um efeito.

Do ponto de vista da verdade como ponto de chegada, temos o ideário platônico de uma busca constante pela verdade, na qual o método dialógico de Sócrates era o modo de busca. Pensar a verdade no contexto atual é mesclar esse ideário platônico de se querer chegar à verdade, mas chegar a uma verdade que é mais um efeito de verdade, do que uma verdade em si. A noção de verdade estaria atrelada aos fatos, ao passo que a (pós)verdade opera nessa instância da superação da necessidade dos fatos e apoia-se no efeito que uma boa narrativa causa. Fazer parte de uma rede social é também uma tentativa de inserir-se na luta por poder, poder esse que simplesmente pode ser o poder fazer crer em uma (suposta) verdade.

## Referências

- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 2003.
- BLOMMAERT, Jan. **Discourse**: key topics in sociolinguistics. New York: Cambridge University Press, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 10<sup>a</sup> ed. Tradução de Fernando Tomaz.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- BRISOLARA, Valéria. **Autoria e falsa atribuição**. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.
- CHARTIER, Roger. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. São Carlos: EdUFSCar, 2014.
- CORACINI, Maria José. Discurso e Escrit(ur)a: entre a necessidade e a impossibilidade de ensinar. In: ECKERT-HOFF, Beatriz. CORACINI, Maria José.



DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p648>

(Org.) **Escrit(ur)a de Si e alteridade no espaço papel-tela**. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

FOCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação Ubíqua**: repercursões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SCHNEIDER, Michel. **Ladrões de Palavras**: Ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PLATÃO. **Fedro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.